

Re(senhas)

ISSN: 3085-6434

DOI:

<https://doi.org/10.71263/d727ya91>

## **LUTO E RAIVA:**

### **Cartas a um pai ausente**

Lorran Alexandre da Silva<sup>1</sup>

#### **Resumo:**

Este trabalho apresenta o olhar de um filho abandonado por meio de uma série de cinco cartas escritas após a morte do pai ausente. Apresento aqui um relato de experiência que foi criado a partir da dor, do rancor, da raiva e do luto. Tomando como metodologia de escrita o pensamento ético/estético/político de Suely Rolnik.

**Palavras-chave:** Raiva; Rancor; Luto; Pai.

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia pelo Colégio Pedro II e Mestrando em Filosofia e Ensino pelo CEFET-RJ. Email para contato: [alexandrelorran30@gmail.com](mailto:alexandrelorran30@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0210801420807782>

## Introdução:

As cartas a seguir fazem parte do processo de luto e tentativa de cura iniciado a partir do momento em que o homem que deveria ter sido meu pai morreu. A escrita destes textos deu-se pela necessidade de tirar do peito a dor e o sofrimento causados pela agonia do fim da espera; das coisas que não foram ditas; da presença por meio da falta e pela indiferença em relação à minha existência.

Este trabalho não se pretende explicativo e não se pretende enquanto contribuição positiva à humanidade. Pelo contrário. Apresenta dor, raiva, ressentimento e miséria. Talvez se pretenda bonito. Mas a beleza, se houver, está no processo.

Conheci o livro chamado “Carta ao pai” de Kafka (1997) pouco antes de escrever a quinta e última carta desta sequência. De modo que, não tive influência direta do acerto de contas deste autor com seu genitor. Em Kafka, a relação se dá nos entraves da convivência e nas marcas deixadas no autor pela personalidade dura do pai. Aqui, a presença do pai se dá por sua ausência e indiferença, bem como por todas as fragilidades geradas por estas.

As cartas foram escritas com um intervalo de meses de diferença entre elas. Primeiro, porque não dava para respirar por muito tempo com tanto ódio no peito. Segundo, porque as cartas se tornaram um modo de comunicar a esse pai suas responsabilidades. E isso foi sendo lembrado conforme os acontecimentos da vida se davam em meu corpo agora enlutado.

Por que torno público isto que tomo como despachos de terapia? Porque quero mostrar para o mundo a dor e a

miséria que me ensinaram a esconder. Também quero que as pessoas que ainda não se sentem aptas a perdoar não se sintam obrigadas a fazê-lo. Mesmo sabendo que, quando não perdoamos, não deixamos a ferida cicatrizar. Podemos fazer algo com essa raiva, podemos criar com a dor. Podemos transformar todo esse rancor, toda essa miséria em algo belo e nos orgulharmos. Quero que vejam minha dor e miséria, porque me orgulho do que estou fazendo com elas. Passemos as cartas.

### **Carta 1: Raiva! Luto?**

Tem tanta coisa que eu quero te dizer. A sua morte me fez perceber que tem vinte anos que espero você me ver. Ver como fiquei grande. Quis te contar quando comecei a trabalhar em um lugar péssimo de se estar, mas que me ensinou, na prática, consciência de classe. Quis te contar, que queria trabalhar para ser especial. Porque aqui em casa, sempre foi especial quem trabalhava.

Quando você foi embora, escrevi uma carta te pintando como o melhor pai do mundo. Queria ter um pai, sabe? Minha mãe viu e fez chacota na frente de todas as pessoas que habitavam esta casa. Ela também tinha sido abandonada e essa foi a única forma que ela soube lidar. Você foi um belo covarde, né?!

Uma vez, ainda criança, não fazia muito tempo, que você tinha ido embora, liguei para você. Sua mulher atendeu e disse que você não estava. Você não retornou, você não me procurou. Nunca contei para minha mãe que te liguei... Nunca contei que por anos o seu era o único número que sabia de

cabeça. Nunca contei que às vezes olhava a sua vida na rede social. Nunca contei que sempre te esperei.

Não consigo entender porque estou de luto. Por que estou chorando? Por que tá doendo tanto? Passo o tempo me distraindo porque quando percebo, to pensando, que a espera acabou e você não veio. Você não veio...

Fiz faculdade, me tornei professor, me tornei palestrante. Dou aula, as pessoas gostam de me ouvir falar. No início deste ano, abri meu Instagram, na esperança de que você encontrasse o meu perfil e visse o quanto cresci, o quanto fiquei grande.

O quanto fiquei bicha. Aliás, pai, sou bicha. Uma bichona mesmo, viu? Não fui te visitar no hospital. Não podia deixar que soubessem que queria que você me visse. Não estou arrependido. Ou acho que não. Estou com raiva. De quem? De quê? Por quê, por quem?

Quando soube que você não vinha, disse com raiva que na próxima vida você tentasse de novo. Depois, percebi que inconscientemente estava estendendo a espera por você até a próxima vida. Cara, era só ter vindo aqui, sabe? Esto com tanta raiva de você. Tanta raiva de você. Não consigo lidar, não consigo entender, não faz sentido!

Não faz sentido! Não entendo e não consigo lidar. Mas tá doendo. Tá doendo...

## **Carta 2:** Ainda raiva. Ainda luto.

Da última vez que nos vimos ainda era pré-adolescente. Nos cruzamos por acaso. Eu vivendo minha vida e você vivendo a sua. Tal como toda criança que vê o “querido pai”,

Re(senhas)

pedi um trocado para comprar alguma coisa. Você dizendo que não tinha, nem desceu do carro para falar comigo. Nos falamos enquanto o trânsito não andava. Na época me senti uma pessoa horrível por na primeira oportunidade te pedir dinheiro.

Perspectiva é uma coisa interessante, né? Hoje, perto dos trinta, volto para essa cena e percebo algumas coisas. Percebo que saí de casa e fui andando uns dois quilômetros, até onde seria o evento escolar que estava indo, sem água ou lanche, pois minha mãe não tinha para dar. Percebo que fui a mais um evento escolar, importante, sozinho, como todos os outros, porque você tinha ido embora e minha mãe estava tentando sobreviver e se reconstruir. Percebo que mesmo na porta do evento, você não me perguntou como estava, ou o que estava fazendo ali. Você sabia o que estava fazendo ali? Percebo que a sensação de pessoa horrível veio acompanhada de me sentir, pela primeira vez, seu inimigo.

Era jovem demais para entender a complexidade dos acontecimentos. Era só uma criança negra, filho de um cara preto e de uma mona nordestina, lida como branca em contexto de periferia. Essa mona nordestina teve uma vida tão sofrida. Você batia nela, num batia? Cara, você abandonou uma mona que foi abandonada e escravizada pela própria família? Em algum momento da vida que você construiu com sua família nova, você refletiu sobre o covarde que você foi?

Você foi um covarde! Um puta merda! Cara, tenho tanta raiva de você que não fui te ver fodido no hospital, porque fiquei com medo de querer socar você. Ou fiquei com medo por não saber o que transbordaria de mim, indo atrás da pessoa que

esperei por vinte anos. É surreal! Saber da sua morte revirou tanta coisa que tinha esquecido. Que tava soterrada.

Queria poder te destruir, te fazer algum mal. Destruir alguém ou algo que você ama. Fazer você sentir a dor ou a raiva, ou o ódio que sinto pensando na falta, seja ela qual for. Nem isso posso mais. Você morreu. Pelo menos morreu fodido no hospital. Espero que tenha sofrido. Não te perdoo por nada.

Quem foi o covarde na vida passada? Eu ou você? Se fosse seu pai, seria como você? Se você não tivesse sido o merda que foi, seria como sou hoje? Me pareço fisicamente com você. Me pareço com você para além do parecer? Nunca conversamos enquanto adultos, né? Perdeu, seu otário!

### **Carta 3:** Me pareço com você?

Faz algum tempo desde que escrevi a última carta. Não consegui lidar com o título desta. Ainda não consigo. Mas preciso falar algumas coisas que só você deve saber.

Meu corpo adulto é igual à lembrança que tenho de você. Homem negro, grande, barbudo e peludo. A medida que envelheço, te vejo me observando a cada vez que olho no espelho. Eu carrego a sua aparência. Essa é a única coisa que lembro sobre você e por isso posso reconhecer. Não te conheci enquanto pessoa. Não sei quem você foi. Conheci você a partir dos traumas, feridas e faltas.

Uma vez minha mãe disse que tinha medo de mim na infância. Ela se trancava no quarto com medo do filho negro que lembrava o homem que ela amou, que se nutriu do que ela era e depois a abandonou. Sinto que esse medo dela nunca

desapareceu. Pois continuo sendo o filho negro que é a representação fiel do homem que ela mais amou. E acho que na impossibilidade de desejar o próprio filho, o medo se apresenta no lugar do ódio que também não é bem-visto.

Dizem que puxei sua luz para a comunicação. Minha mãe diz que sou encantador de cão. Diz que, quando meu bicho interior não está solto, encanto as pessoas. Acho que esse bicho interior é o lado sombrio que você também carregava, né?

Você apresenta uma imagem brilhante, serena, luminosa, acolhedora, gentil, compreensiva, paciente e zelosa em público, que não se mantém em constância na intimidade. Na intimidade, do portão para dentro, tem preguiça, porquice, mesquinhez, egoísmo, sujeira, nojeira, abandono e muito mais.

Quantas vezes abandonamos essa mona que foi tão abandonada? O quanto não fazemos nada, pois sabemos que essa mona que foi escravizada pela família fará?

Eu me pareço com você. Eu ajo como você. Por mais que tente não ser como você. No fim, talvez essa raiva toda direcionada a você, acabe sendo contra mim. Ou aquilo de você que habita em mim.

Passei no mestrado. Mais uma coisa foda que você não viu. Se fodeu, otário!

#### **Carta 4:** É culpa minha?

Eai, covarde, faz muito tempo desde a última vez que abri este arquivo para escrever. Mas parece que desde a última sessão de terapia há uma carta querendo sair. Lembrei de mais uma passagem em que você foi um merda.

Lembrei de um evento na escola. Na segunda série do ensino fundamental, no ano em que você foi embora. Tinha uns 9 anos. A professora pediu que levássemos uma blusa branca e uma bermuda jeans para o dia da apresentação. Não lembro se era dia dos pais ou feira de ciências. Faz mais de 20 anos. Lembro de ensaiarmos durante muitas semanas uma coreografia. Também não lembro da música. Lembro que cada aluno representaria uma cor, ou uma fruta, já não lembro. A cor/fruta que deram para mim foi o Marrom/Kiwi.

Em um dos sábados que você vinha dar uns trocados para a sobrevivência, disse que precisava da roupa específica para tal evento da escola. Chegou o dia do evento, e mais uma vez você não veio e não trouxe a roupa que precisava. Fui com uma blusa branca e preta do meu irmão. Lembro do esporro que a professora me deu por não estar com uma blusa branca. Ela disse que a cor marrom nem aparecia naquela blusa com detalhes pretos. Lembro de ter ouvido o esporro quieto, pois era melhor do que saberem que não tinha a tal roupa porque você não veio. Acho que semanas depois do evento você apareceu com as roupas amassadas em um saco.

Lembra do brinquedo que te pedi? Semanas mais tarde você trouxe com a embalagem aberta e quebrado. Provavelmente o filho da sua esposa quebrou. Isso se você comprou o novo para mim e não para ele. Levei a culpa por quebrar algo que já veio quebrado. Acho que não contei que já estava quebrado porque não queria admitir nem para mim.

Neste mesmo ano, por acidente rasguei a mochila de um colega, que muito provavelmente já estava puída. Chamaram minha mãe na escola, foi a primeira e única vez que ela foi lá.



Sentamos todos em uma sala pequena. Eu, minha mãe, a mãe do menino, o menino e outras pessoas. Lembro de minha mãe dizendo que a mochila já estava puída e que só pagaria o concerto. Hoje percebo que ela fez isso porque não queria que as pessoas soubessem que não tínhamos dinheiro para comprar outra mochila para o menino.

Desde essa época aprendi que é melhor acharem que somos ruins, difíceis, inacessíveis do que pobres ou miseráveis. Desde essa época aprendi que era melhor mentir e esconder para que as pessoas não soubessem, não vissem, a miséria que você deixou.

Nada disso foi culpa minha. Os problemas na escola, os problemas na rua, nada disso foi culpa minha. Cara, o meu peito dói tanto, de tanta raiva que tenho de você. Tanta raiva! Como eu queria... não consigo te destruir dentro de mim. Tudo isso, guardado há tanto tempo.

### **Carta 5:** Matar você.

Oi, seu merda, beleza?

Faço 30 anos em um mês. 30 anos! Quando você me abandonou, tinha 9.

Hoje estava aqui vivendo a vida e me deparei com mais uma lembrança dolorosa que na perspectiva dos 30, fica mais difícil ainda.

Uma instituição de cursos gratuitos profissionalizantes abriu seu período de inscrições. Enquanto lia o edital, lembrei que iniciei um curso de espanhol, em uma instituição parecida, na época da escola. Devia ter uns 15 anos.

Lembrei que na época era uma luta ter o dinheiro da passagem de toda semana. Com a pensão que a justiça te obrigou a dar já era uma luta para minha mãe colocar comida na mesa todo dia. Imagina, comer + dinheiro da passagem uma vez por semana, o mês inteiro.

Chegou um momento do curso que a professora disse que precisaríamos comprar um livro didático. Não me lembro o preço, mas certamente não podíamos pagar. Não entendia isso na época. Lembro da briga com minha mãe. Se é difícil sentir isso agora, imagina o que ela sentiu na época.

Hoje entendo que a miséria sempre esteve a nossa volta. Que qualquer vacilo, ela nos pegaria. Isso não mudou muito. Ela, a miséria, continua não tão longe. Sempre atenta, nos lembrando do nosso lugar. No momento, estou cansado, sabe?

Você não estava lá! O que você estava fazendo nessa época? Me conforta um pouco saber que você morreu fodido. Devia ter ido te ver e dito isso na sua cara. Que você era um merda e estava muito feliz de te ver fodido. Tô arrependido de não ter ido ao seu leito de morte? Talvez! Não sei o que faria lá. Talvez tivesse te matado em mim. Matado a imagem brilhante imortalizada de você que guardo em mim. Matado sua ausência em mim. Devia ter matado você.

Isso significa que deveria ter ido ver você? Talvez! Significa que temos questões para resolver e que também não me movi para tentar resolver? Talvez! Significa que ao não te perdoar, também não me perdoou? Não sei.

**Marcas, acontecimentos, experiências que nos modificam.**

Re(senhas)

Suely Rolnik (1993) no texto “Corpo, pensamento e devir” fala sobre a criação acadêmica a partir da contaminação do corpo pelos acontecimentos do real. Segundo a autora, vivemos submersos em ambientes humanos e não humanos. Atravessados por relações do campo do visível e do invisível. No campo do visível a autora aponta os encontros, interações, diálogos e conversas. Todas as interações passíveis de serem apontadas, visíveis. No campo do invisível existem as interações que não vemos, mas que o corpo sente. Não vemos enquanto dado empírico, material, mas sentimos as consequências afetivas e psíquicas quando somos impactados por elas.

Nosso corpo, assim como o mundo, é constituído por um tecido ontológico, ou seja, uma teia de interconexões que configuram o real. Rolnik diz que nossos corpos são cotidianamente impactados pelo que ela chamará de marcas, que modificam nossos modos de ser, estar e sentir o e no mundo. As marcas são os acontecimentos do real que desestabilizam nossa fixidez enquanto identidade e nos obrigam a repensar quem somos e como somos a partir daquela marca, acontecimento, experiência.

As marcas, acontecimentos, experiências nos atravessam de forma violenta e desestabilizam a configuração corpórea que tínhamos até aquele instante. Corpo aqui é pensado como socialmente construído e em toda a sua extensão. Considerando seus modos de ser, sentir e estar. A ideia é a de que não exista uma fixidez de identidades, as identidades são criadas e recriadas cotidianamente a partir das experiências do real. Fala-se em abertura ontológica ao devir. Ou seja, uma

abertura do Ser aos impactos do cotidiano que o desestabiliza e o obrigam a se reconfigurar enquanto Ser em constante Devir.

A escrita, nesta perspectiva, é feita pelas e a partir das marcas, acontecimentos e experiências. Só se pensa, reflete, cria e escreve porque se é forçado. Nosso corpo é afetado por um acontecimento do cotidiano, cria-se uma marca, esta marca provoca um desassossego interno que nos impele na direção de uma atualizada forma de ser, pensar, estar, agir e sentir.

A marca, acontecimento, experiência que força Suely Rolnik a escrever é sua experiência com a ditadura militar do Brasil de 1964. As marcas do Kafka foram muitas a partir de sua conturbada relação com seu pai. Aqui, as marcas que me obrigam a escrever são o luto e o abandono. Que a partir da morte de um pai ausente, atualizam um corpo enlutado e abandonado. Esta é a metodologia de criação destas cartas. Um trabalho cru e visceral que surge como válvula de escape para todo o veneno que o rancor por este pai proliferava em meu âmago. Este tipo de escrita nos ajuda a lidar com a dor. Põe para fora o veneno que contamina nossa potência de crescimento.

### Considerações Finais

Finalizo este trabalho dizendo que não pretendo refletir sobre o luto, raiva ou perdão. Trato esta sequência de cartas como um trabalho, como uma produção escrita, contaminada e contaminante de dor, rancor e miséria. Contaminação esta que carrega a potência de atravessar os leitores e instaurar reflexões nestes a partir de seus mundos, corpos e marcas. Algumas marcas, acontecimentos, experiências são tão venenosas que infectam e nos adoecem. Impactam negativamente nossa

Re(senhas)

potência de vir-a-ser o melhor que podermos. Afetam de forma venenosa nosso constante Devir. Nestes casos, precisamos fazer algo com todo esse veneno. Precisamos por para fora o desassossego causado pelo incômodo desta marca, acontecimento, experiência. Esse é o movimento feito aqui. Em estado de agonia, desassossego e angustia, instaurados pela notícia do falecimento e com ela, a noção do fim da espera, deste pai que me abandonou, vomitei neste trabalho tudo o que me impedia de deixar a ferida causada por este abandono cicatrizar.

**Bibliografia:**

KAFKA, Franz. Carta ao Pai. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1997.

ROLNIK, Suely. Pensamento, Corpo, Devir: uma perspectiva, Ético/Estético/Política do trabalho acadêmico. In: Cadernos de Subjetividade / Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. - v.1, n.2 (1993) .-São Paulo, 1993

*Submetido em Janeiro de 2025*

*Aprovado em Fevereiro de 2025*

Re(senhas)

